A prática do canto coral como componente curricular nos cursos de graduação em música: desafios e possibilidades

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Rafael Luís Garbuio
UFBA
rafael.garbuio@ufba.br

Resumo. A prática do canto coral ocupa lugar de destaque nos processos musico-pedagógicos. Suas características únicas tornaram-na parte integrante dos currículos formadores. No Brasil, com a abrangência do ensino de música nas universidades, o coral como componente curricular oferece uma importante ferramenta pedagógica e artística. Não obstante aos poucos trabalhos acadêmicos destinados a esta prática específica, refletir sobre esta ação e explorar as relevantes potencialidades de tal componente são condições para seu melhor uso. A partir de dois exemplos técnicos – a rotatividade dos cantores dos grupos corais universitários e a heterogeneidade técnica das vozes - este artigo apresenta uma reflexão sobre a prática demonstrando condições técnicas vantajosas. Diante disso, há a proposição de caminhos para se avançar na área e a constatação da importância do regente/docente no bom uso desta ferramenta pedagógica.

Palavras-chave. Prática Coral, Graduação em Música, Processos pedagógicos, Formação Musical

The Practice of Choral Singing as a Curricular Component in Undergraduate Music Courses: Challenges and Possibilities

Abstract. *The practice of choral singing occupies a prominent place in music-pedagogical processes. Its unique characteristics have made it an integral part of training curricula. In Brazil, with the scope of music teaching in universities, the choir as a curricular component offers an important pedagogical and artistic tool. Despite the few academic works dedicated to this specific practice, reflecting on this action and exploring the relevant potential of this component are conditions for its best use. Based on two technical examples – the turnover of singers in university choral groups and the technical heterogeneity of voices – this article presents a reflection on the practice demonstrating advantageous technical conditions. In view of this, there is a proposal of ways to advance in the area and the recognition of the importance of the conductor/teacher in the good use of this pedagogical tool.*

Keywords. Choral Practice, Degree in Music, Pedagogical processes, Musical Training

Introdução

Considerarmos a prática coral como uma das mais importantes ferramentas de educação musical não é uma novidade. Desde que se tem notícia e registros dos procedimentos educacionais ligados à formação musical de nossa sociedade, encontramos esta atividade em uma posição privilegiada. Basta compararmos o currículo dos mais importantes cursos de música do mundo, incluindo universidades, conservatórios e demais instituições de ensino, para percebermos este consenso curricular em torno do canto coral. A explicação para tal escolha pedagógica também não nos exige grandes reflexões. Conforme anotaram em seu livro *The Choral Experience* (1976), a dupla de autores Winold e Robinson:

> Não é difícil compreender por que o canto coral é tão popular com participantes de todas as idades; nenhuma outra atividade musical acessível para não profissionais oferece a promessa de um envolvimento direto com a criação do belo... nenhuma outra pode oferecer para os indivíduos a mesma liberação do espírito humano que resulta da atividade de re-criação que chamamos de experiência coral[1] (ROBINSON; WINOLD, 1976, p. 54, tradução nossa).

Em se tratando da prática e do ensino musical no Brasil, encontramos uma situação ainda mais peculiar. Por não termos uma rede estruturada de propagação da arte, o que conseguimos fazer respalda-se em projetos menos ambiciosos e com poucos recursos. De novo, encontramos a prática coral se sobressaindo por ser a mais democrática e acessível de todas. Afinal, a montagem e a manutenção de um coro, depende inicialmente da existência de regente e cantores.

Ao avaliarmos os caminhos que a educação musical percorreu em nosso país, percebemos um claro movimento para dentro das universidades e faculdades a partir da segunda metade do século XX. Data deste período a inauguração da maior parte dos Institutos de Artes e Escolas de Música nas Universidades públicas e sua natural propagação na rede particular de ensino superior. Este movimento alterou significativamente nossa estrutura e contribui para sanar, de algumas formas, as sensíveis lacunas que tínhamos e ainda temos na formação de novos profissionais da música. A partir deste movimento, passamos a encontrar com mais frequência um tipo bastante específico e valioso de prática coral, o coro universitário.

---

[1] *"Thus it is not difficult to understand why choral singing is so popular with participants of all ages: no other musical activity accessible to the nonprofessional offers the promise of such direct involvement with the creation of beauty; no other can stimulate such a rebirth of mystery and wonder; no other can offer the individual the same liberation of the human spirit that results from the re-creative activity we call the choral experience."*

Tomemos como exemplo o relato que a regente e pesquisadora Ana Yara Campos realizou em um artigo publicado em 2007 documentando a história do Coral Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC. Na documentação analisada, ela revela um trecho do Anuário da Universidade:

> "O Coral Universitário nasceu dentro da Faculdade de Música. Nos documentos pesquisados, a primeira vez em que o grupo aparece oficialmente divulgado data de agosto de 1965, por ocasião da X Semana da Universidade (Vida Universitária, 1965, p. 197), marco zero da pesquisa." (CAMPOS, CAIADO, 2007)

Assim como este exemplo da PUC de Campinas, que contribui no entendimento deste recorte histórico, são inúmeros os grupos corais que se proliferaram nesta mesma quadra de nossa história e, de muitas formas, contribuíram para o desenvolvimento de nossa arte coral.

No entanto, além deste tipo de coro formado e mantido dentro das universidades e quase sempre abertos à comunidade de seu entorno, encontramos outra atividade coral que merece receber a nossa atenção. Consta da prática coral formada pelos alunos da graduação em música e que integra o currículo das graduações. Ou seja, refiro-me aos corais que são componentes curriculares obrigatórios, ou optativos, que fazem parte do percurso formativo dos graduandos em música. Este tipo específico de coro nos coloca diante de um sem-número de possibilidades e particularidades que o transformam em laboratórios de *performance* coral, sendo através deles que podemos efetivamente avançar na formação de novos coralistas e novos regentes.

Porém, como é conhecido de todos os profissionais que se dedicam ao ambiente acadêmico, em especial o das universidades públicas, a rotina de um componente curricular é cercada de burocracias e desafios técnicos. Nas matérias de prática coral não seria diferente. São inúmeras as obrigações enfrentadas pelo grupo de alunos e, especialmente, pelo docente/regente. Desde questões básicas a todas as disciplinas, como avaliações e o acompanhamento da frequência dos alunos, até questões técnicas específicas como a rotatividade dos alunos/cantores e seu impacto na construção de um projeto musical mais duradouro. Estes elementos concorrem para tomar parte da atenção dos envolvidos em tão especial prática e repleta de ótimas oportunidades de realização musical.

Também torna-se relevante atentarmos para a falta de trabalhos acadêmicos e pesquisas cientificas sobre este tipo específico de prática coral. Em um estudo exploratório, utilizando-se como método o levantamento bibliográfico e analisando as produções referentes

à prática coral nos anais de encontros e congressos da ABEM e da ANPPOM entre os anos de 2003 e 2013, os pesquisadores Luiz Eduardo Silva e Sérgio Figueiredo constataram algumas lacunas importantes nas temáticas que envolvem esta prática, entre elas "coral de universidade como espaço de formação para acadêmicos" (SILVA, FIGUEIREDO, 2015).

A partir desta premissa e da convicção deste pesquisador de estarmos diante de uma das mais valiosas práticas musicais que temos em nosso país, este artigo se propôs a levantar algumas características especificas a ela e elencar algumas reflexões em prol do melhor uso desta ferramenta educacional e artística.

As Possibilidades e os Desafios

Concentrando-nos na prática coral enquanto componente curricular das graduações em música nos deparamos com uma situação bastante específica. Encontramos duas peculiaridades estruturais que podem ser bem refletidas, e aproveitadas, pelo regente/docente. A primeira consta da oficial rotatividade deste grupo coral. Estando a maioria dos currículos universitários organizados em componentes semestrais, e tendo o aluno a busca por cumprir seu caminho formativo, é fato que a cada novo semestre este coro se renova relevantemente. Como cada discente escolhe seus componentes a partir das necessidades de seu currículo e visando sua integralização, não será todo semestre que ele poderá se matricular na prática coral. Mesmo que, pessoalmente, seja essa sua vontade.

Esta situação não é uma exclusividade do mundo universitário, sendo muito comum nos coros leigos e de outras naturezas. Porém, o que no coral leigo apresenta-se como um dos mais graves desafios a ser enfrentado pelos regentes, pois tal rotatividade atrapalha a construção de um trabalho coral mais sólido, no ambiente universitário pode ser aproveitado como um ativo deste componente.

O fato é que diante de um Coro formado por alunos de música em nível superior, o regente, ou a regente, pode manter o trabalho técnico de forma contínua, não estando completamente atrelado ao repertório escolhido. Digo isso, pois em um coral amador o trabalho técnico fica quase sempre dependente deste repertório. Isso se explica, pois na tentativa de viabilizar seu entendimento em cantores que não trazem individualmente as ferramentas básicas da técnica musical (cantores leigos), a prática do repertório apresenta-se como o principal meio de construir essa técnica. No caso do Coro de alunos de música, este ferramental já existe ou está em construção. Logo, o regente pode tratar as questões

relacionadas à técnica vocal, ou técnica coral, independente do repertório corrente e de forma contínua.

Destaca-se que essa independência na construção da técnica coral oferece uma situação relevantemente mais eficiente. No mínimo, garantirá a este regente a chance de trabalhar os elementos técnicos que julgue importantes naquele momento para aquele grupo independente de haver uma obra no repertório atual que lhe permita tal ação. Além de poder manter um treinamento técnico continuo independente do calendário e dos compromissos do grupo coral. Afinal, em um trabalho coral leigo a manutenção e a atenção a uma agenda de compromissos públicos torna-se um dos principais motivadores para a continuidade do projeto. Não obstante a toda a riqueza destas experiências musicais para os cantores, não seria demais considerarmos que, em muitos momentos, o regente pode se tornar refém desta agenda e se ver obrigado a colocar a questão técnica a serviço dela. A prática coral como disciplina de graduação apresenta ao regente, e a todo o grupo, certa salvaguarda para esta questão.

A segunda peculiaridade é sua heterogeneidade estrutural que por vezes pode passar despercebida ou surpreender em um primeiro momento. A questão a ser considerada é que apesar de ser formado por alunos dos mesmos cursos de graduação em música, o que poderia sugerir uma coerência formativa entre os integrantes já que todos se submeteram ao mesmo processo seletivo, não devemos deixar de considerar que teremos dentre o grupo alunos de instrumento, música popular, regência, composição, canto e licenciatura. Evidentemente, entre os alunos de regência e canto são mais comuns àqueles próximos do ambiente coral que tragam experiência prévia na prática. Já entre os alunos de instrumento e licenciatura não é incomum encontrarmos aqueles que nunca cantaram em um coro, ou o fizeram de forma muito passageira.

Como exemplo sólido desta situação, temos uma pesquisa realizada com 23 alunos de graduação (bacharelado e licenciatura) no primeiro semestre do curso de música na Universidade do Estado de Santa Catarina matriculados no componente de prática coral no ano de 2005. Deles, 11 atestaram nunca ter cantado antes em um coro (FIGUEIREDO, 2005, p. 366). Apesar de ser uma pesquisa específica àquela universidade e ter sido feita há alguns anos, ela retrata uma realidade facilmente reconhecida por profissionais que trabalham diretamente com este tipo de prática coral e nos ajuda a respaldar tal situação. Portanto, estamos diante de um coro que, apesar de ser formado por alunos de música, terá alunos em níveis técnicos sensivelmente distintos e o processo pedagógico escolhido pelo regente deverá contemplar tal diversidade.

Esta característica poderá ser determinante em muitos aspectos, desde fundamentos básicos e imprescindíveis para o canto coletivo, como o controle e bom uso da técnica da respiração, por exemplo, até questões mais específicas da prática coral, como a própria construção da sonoridade do grupo. Em sendo formado em parte por alunos que podem não trazer na bagagem experiências consistentes com o universo coral, certamente o conhecimento de possibilidades de sonoridades corais trazidas por estes alunos/cantores tenderá a ser igualmente insuficiente. Situação muito comum na prática leiga, que exige do regente a utilização de abordagens pedagógicas mais diretas, pois não basta pedir ao cantor que busque uma emissão vocal com determinadas características sonoras, pois o cantor provavelmente não terá esse registro sonoro em sua cabeça. Implicando não saber ao certo como alcançar e, muitas vezes, nem mesmo sabendo como seria esta sonoridade requerida pelo regente.

E mais uma vez encontramos uma situação artística e pedagógica bastante valiosa e peculiar aos coros formados dentro das graduações. Mesmo não sendo necessariamente cantores experientes, estes alunos detém a possibilidade real de se apropriarem das características estilísticas do repertório musical. Ou seja, por serem integrantes ativos do universo musical de alguma forma, seja como instrumentistas ou professores de música em formação, mas especialmente por estarem nesta fase de sua formação imersos em um curso de graduação em música estarão aptos a diferenciar estilos musicais distintos e com um mínimo de embasamento necessário para tal exploração. O que permitirá a este, ou esta, regente utilizar os conhecimentos oriundos dos estilos de repertório como material para se construir um ideal sonoro do grupo para aquela obra.

Embasando tal reflexão, temos a contundente frase do autor Charles Heffernan quando conclui que: “A atuação musical é dependente tanto da técnica como da capacidade artística do executante.” (1982, p.111, grifo nosso). Neste caso, defendo que a capacidade artística dos executantes deste tipo específico de agrupamento coral é sobremaneira desenvolvida pelo fato de serem graduandos em música. Mesmo que ainda não detenham de modo satisfatório todos os conhecimentos que deverão acumular ao longo de sua formação, o fato de estarem naquele momento ativos em um curso e devidamente orientados pela estrutura universitária estarão munidos das ferramentas necessárias para fazer jus a esta capacidade artística mencionada pelo autor.

Não há como seguir nesta reflexão sem mencionar o papel determinante do docente/regente no encaminhamento desta prática e toda a sua complexidade. Serão através de suas escolhas e da forma como este profissional lidará com tais características que este coro,

também um componente curricular, logrará sucesso ou não. Mais do que estar munido de estratégias e conhecimentos para gerir o melhor possível este grupo de cantores, o regente deve ter a total consciência da dimensão pedagógica de um coro universitário quando utilizado como componente curricular da graduação.

Um exemplo elucidativo do uso desta dimensão pedagógica em prol da prática coral seria lidar com um dos elementos mais presentes, e polêmicos, na prática coral - a questão do uso cuidadoso e pertinente do vibrato. Por ser um fenômeno natural das vozes, o vibrato comumente aparecerá na prática coral. Sendo ou não uma escolha sua, o regente terá de lidar com este componente técnico utilizando-o ou evitando-o a partir de suas escolhas estéticas. Segundo o autor Brandvik "Quando uma pessoa canta livremente com todos os pequenos e grandes músculos do corpo trabalhando juntos para produzir um som musical saudável, enérgico e livre, a voz vai produzir uma pulsação leve e regular chamada vibrato". (1993, p.167). A questão é que no repertório sua pertinência estilística e o grau aceitável deste fenômeno na *performance* está diretamente ligado às características e conhecimentos sobre o ambiente estético daquela obra. Ou seja, é o embasamento estilístico do regente que irá poder bem usar, ou dosar, tal recurso técnico. E mais uma vez nos deparamos com uma situação privilegiada da prática coral universitária.

Um docente que esteja ciente desta capacidade artística dos alunos poderá utilizar com aprofundamento seus conhecimentos e fazer a "dosagem" deste recurso. Imaginemos em um mesmo ensaio o trabalho com duas obras bastante representativas de períodos sensivelmente distintos. Seriam elas, o moteto *Ave Maria..Virgo Serena*, de Josquin Des Prez (século XV) e o também moteto *Os Justi* de Anton Bruckner, exemplo representativo da escrita coral do século XIX,

Ambas as peças trazem características que as aproximam tecnicamente. Por exemplo: escrita musical para coro a quatro vozes a *cappella*; tessitura das vozes não tão distintas; e o fato de resultarem bem para o mesmo tamanho (número de cantores) de coro. Chama a atenção também serem obras com materiais harmônicos parecidos. Apesar de a obra de Josquin ser oriunda de um período transitório entre a escrita modal e a tonal, apresenta um sensível equilíbrio no uso das notas alteradas e do cromatismo, as utilizando apenas nas cadências de fim de frase. Enquanto a obra de Bruckner vai além neste quesito e não se utiliza de nenhuma nota alterada na escala de dó maior. Ou seja, há uma aproximação entre o material melódico e harmônico de ambas.

Porém, ao trabalha-las estilisticamente com o grupo de cantores/alunos e demonstrar as possibilidades técnicas que podem ser utilizadas em ambos os entendimentos o regente terá

uma chance relevantemente eficiente de abordar a questão técnica do vibrato demonstrando, e comprovando, o quanto seu uso indiscriminado poderia descaracterizar o resultado sonoro esperado da *Ave Maria* de Josquin, ao mesmo tempo que sua presença, cuidadosamente medida e homogeneizada, torna-se uma adequada opção técnica para o bom encaminhamento da obra *Os Justi* de Bruckner.

Tal demonstração poderia ocupar-se das características das escritas empregadas pelos compositores como forma de comprovar como o mesmo procedimento técnico, o vibrato, é mais necessário e aceito em uma e um complicador estilístico na outra. Com isso, temos um exemplo elucidativo do potencial pedagógico e diferenciado do trabalho com os coros universitários de alunos de graduação.

Conclusão

Baseado nas reflexões e exemplos apresentados neste artigo podemos atestar que o trabalho didático e artístico realizado nas práticas corais dentro das graduações em música nas universidades apresenta possibilidades pedagógicas diferenciadas que podem ser aproveitadas e potencializadas pelo regente/docente. Mesmo os desafios específicos à prática coral, comuns tanto no universo leigo quanto no universitário, tornam-se neste segundo caso fontes de recursos didáticos que contribuem para a boa formação dos alunos ao mesmo tempo em que possibilitam a construção de um projeto coral de alto nível artístico. Os dois exemplos técnicos comuns ao mundo coral universitário – a rotatividade do grupo de alunos/cantores e a heterogeneidade vocal dos integrantes – que foram descritos neste artigo apontaram para caminhos artísticos eficientes. A conclusão, e o mais relevante, é atestarmos que está nas escolhas e procedimentos do regente deste projeto, e seu encaminhamento pedagógico, a condição para o bom uso desta situação privilegiada oferecida pela prática coral dentro dos currículos das graduações em música.

Referências

BRANDVIK, Paul. Choral tone. IN: WEBB, Guy B. (ed.). Up front! Becoming the complete choral conductor. Boston: E. C. Schirmer, 1993. p.147-186.

BRUCKNER, Anton. *Os Justi*. Coro a quatro vozes. Leipizig: TH Rattig, 1886. Partitura.

CAMPOS, Ana Yara. CAIADO, Kátia Regina Moreno. Coro universitário: uma reflexão a partir da história do Coral Universitário da PUC-Campinas, de 1965 a 2004. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 17, 59-68, set. 2007.

DES PREZ, Josquin. *AVE MARIA*. Coro a quatro vozes. Paris: *Edition Musicales de la Schola Cantorum*, 1951. Partitura.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. A prática coral na formação musical: um estudo em cursos superiores de Licenciatura e Bacharelado em Música. ANPPOM, Rio de Janeiro, n. 15, 2005.

HEFFERNAN, Charles W. *Choral music: technique and artistry*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.

ROBINSON, Ray; WINOLD, Allen. The choral experience – Literature, Materials and Methods. Illinois: Waveland Press, 1976.

SILVA, Luiz Eduardo. FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. Prática coral: um panorama das publicações de anais de encontros e congressos da ABEM e ANPPOM dos últimos dez anos (2003-2013). ABEM, Natal, n.22, 2015.